

EDITORIAL

Redes sociais na velhice

Social networks in old age

Liliana Sousa

As ciências humanas e, em especial, a psicologia há muito que realçam o valor dos vínculos como elementos básicos da identidade, história e continuidade do sujeito. Alguns estudos são paradigmáticos a demonstrar que a pessoa é um ser social (por exemplo: Spitz e a noção de marasmo; as experiências de Harlow; o caso de Victor d’Aveyron; a noção de vinculação de Bowlby). As redes sociais permitem conceptualizar o comportamento humano no contexto da família alargada e dos sistemas sociais (Tolsdorf, 1976), por isso este modelo surgiu como potencialmente útil para analisar e descrever o sistema social complexo e as suas interações. Daí que o seu uso se estenda a várias esferas das ciências sociais e humanas: saúde mental, relações de casal, política ou urbanismo.

As redes sociais têm assumido importância a nível conceptual e na intervenção. A conceptualização tem sido realizada, fundamentalmente, por antropólogos e sociólogos, enquanto que as aplicações são mais um produto norte-americano. Citando Sluzki (1996: 38) “o conceito de rede social foi-se desenvolvendo e refinando de forma cumulativa, embora desordenada, por uma série de autores”. Barnes (1954), antropólogo inglês, é recorrentemente identificado como o primeiro autor a ter utilizado e definido o conceito, considerando que redes sociais seriam todas ou algumas das unidades sociais com que um indivíduo ou grupo particular está em contacto. Em 1972, Barnes redefiniu

as redes sociais, acrescentando e salientando o seu impacto na vida social: todo o indivíduo numa sociedade está ligado a vários outros por ligações sociais, sendo que os constrangimentos impostos por essas ligações têm implicações na vida social.

Existem diversas definições de redes sociais, que conservam aspetos comuns, destacando-se a identificação da rede como um conjunto de elementos e a ligação entre eles. Mas, a rede não pode ser restringida a esse espectro, pelo menos se quisermos alcançar a sua especificidade. Assim, adotamos a definição de Dabas (1988): o conceito de rede social implica um processo de construção permanente, tanto individual como coletivo; trata-se de sistemas abertos que através dum intercâmbio dinâmico entre os membros e os elementos de outros grupos sociais, potencializa outros recursos (cada membro de uma família, grupo ou instituição enriquece-se através das múltiplas relações que cada um dos outros desenvolve); o efeito das redes é a criação permanente de respostas novas e criativas para satisfazer necessidades e interesses dos membros da comunidade, de forma solidária e autogestora.

A rede social consta de um conjunto de pessoas (com limites entre si e com o exterior), que mantém ligações específicas, com significado mútuo, através da satisfação de necessidades ou de apoio social. Constitui um sistema de comunicação e um instrumento de suporte, através de canais (institucionalizados ou não) de trocas e comunicação, dentro duma sociedade. As características destas ligações podem ser usadas para interpretar o comportamento social dos envolvidos.

A definição de tipos de redes sociais tem sido encarada como a categorização de sistemas particulares de ligações entre atores sociais, compostos por relações interpessoais, variadas e complexas (Guédon, 1984), que revelam a trama social na perspetiva dos atores. Neste sentido, as redes têm sido classificadas em: redes primárias e redes secundárias formais e informais. As redes primárias são o sistema de apoio natural, formam a trama de base da sociedade, são constituídas por indivíduos com afinidades pessoais (num quadro não institucional), envolvem os laços pessoais da vida quotidiana, constituindo o lugar de inserção dos indivíduos (Góngora, 1991; Brodeur e Roseau, 1984; Desmarais *et al.*, 1995). Caracterizam-se como entidades coletivas, compostas por um agrupamento natural de sujeitos, ligados por laços afetivos e afinidades (positivas ou negativas), na ausência de relações ou estruturas estritamente

informais (portanto, sem obrigação ou formalidade). Funcionam como um conjunto dinâmico suscetível de flutuar com o tempo em função de relações interpessoais que se criam com as circunstâncias (Brodeur e Roseau, 1984). A família é o núcleo duro da rede primária apresentando menos mobilidade, já os outros grupos (vizinhos, amigos, colegas,...) sofrem maiores flutuações com o tempo, contexto e circunstâncias de vida.

As redes secundárias definem-se a partir de uma função, sendo compostas pelo conjunto de pessoas reunidas em redor duma tarefa, num contexto institucionalizado. Surgem, sobretudo, como responsáveis pela produção de serviços destinados a responder a necessidades sociais (Brodeur e Roseau, 1984; Desmarais *et al.*, 1995). São sistemas artificiais, portanto, as relações sociais que delas emergem estabelecem-se em função de serviços a fornecer ou receber, segundo modalidades definidas por normas precisas. As relações entre os membros são determinadas pelos papéis específicos, contendo as funções individuais. É possível distinguir dois tipos de redes secundárias considerando o grau de estruturação e o tipo de serviços (Brodeur e Roseau, 1984; Desmarais *et al.*, 1995): formais e informais. As formais, formadas por instituições sociais, têm uma existência oficial, estruturam-se segundo normas precisas, são relativamente estáveis, determinadas não tanto pelos sujeitos, mas pelos papéis e funções que lhe são atribuídos, com fins de produção ou receção de serviços. Apresentam um aspeto rígido e formal, mas podem fomentar relações afetivas que se transformam em redes primárias. As informais são redes de relações sociais criadas para responder a necessidades ou fornecer serviços específicos (por exemplo, associações de moradores), sem carácter oficial e estruturado, onde não existe uma divisão rígida de papéis. A sua durabilidade é menor relativamente às anteriores.

As redes também podem ser categorizadas de acordo com o ponto de ancoragem (Erickson, 1975; Attneave, 1976) em três níveis: quando o ponto de ancoragem não é especificado, *rede* é usado como uma metáfora, trata-se do nível mais abstrato, que envolve todas as relações possíveis de um grupo, descritas a partir do ponto de vista de qualquer observador externo); se o ponto focal é a pessoa, estamos perante as redes pessoais, incluindo sujeitos que se relacionam através duma identidade comum (descrita pela perspectiva de um sujeito); quando a âncora é a família, temos a rede familiar,

definida pelas relações dos membros de uma família nuclear (descrita pelos membros da família).

As redes sociais revelam-se fundamentais na existência de qualquer pessoa, tendo como principais funções: proteger o indivíduo do *stress* ligado às solicitações e pressões do ambiente (Sluzki, 2000; Dean e Lin, 1977); atenuar, prevenir ou, mesmo, colaborar no tratamento de doenças físicas e problemas emocionais (Gore, 1978; Gottlieb, 1981); apoiar a integração social (Sluzki, 1996); fomentar a experiência individual de identidade e competência (Sluzki, 1996).

As redes sociais continuam fundamentais na velhice, enquanto elementos de identidade, apoio emocional e instrumental. Neste número temático, *Redes Sociais na Velhice*, recontextualizamos temas tradicionais da literatura e introduzimos tópicos emergentes.

Os dois primeiros artigos centram os cuidados a pessoas idosas dependentes, um tema em que existe vasta literatura (Sousa, 2009), provavelmente porque o rápido envelhecimento populacional exigiu que a atenção se colocasse nas necessidades mais prementes dos mais idosos. O primeiro artigo, “*Rede informal de apoio à pessoa idosa dependente: motivações e fatores de stress em cuidadores primários e secundários*”, de Ana Luísa Barbosa, Ana Lúcia Oliveira e Daniela Figueiredo, introduz um fator novo à literatura tradicional centrada nos cuidadores primários: foca também os cuidadores secundários, uma vez que os cuidados são sempre uma rede de apoios entre diversas pessoas (umas prestam cuidados diretos à pessoa idosa e outros prestam cuidados indiretos ou apoiam quem cuida). O segundo artigo “*Apoio psicoeducativo a cuidadores familiares e formais de pessoas idosas com demência*”, de Daniela Figueiredo, Sara Guerra, Alda Marques e Liliana Sousa, apresenta dois programas de apoio psicoeducativo (um para cuidadores informais, outro para formais), para situações em que a pessoa idosa apresenta demência. Neste caso a família como um todo e os cuidadores formais são considerados como elementos que necessitam de suporte, pois cuidar de alguém com demência coloca exigências de gestão emocional redobradas.

Os dois artigos seguintes focam temas emergentes, resultantes do prolongamento da vida. Assim, temos o artigo “*Centenários: que redes sociais?*”, de Lia Araújo e Oscar Ribeiro, que foca redes sociais de pessoas centenárias, uma fase da vida cada vez

mais comum. E, o artigo “*Redes Sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas*”, de Henrique Testa Vicente e Liliana Sousa, que segue a mesma orientação, pois as famílias com quatro gerações vivas são atualmente mais possíveis.

Em seguida, surge um conjunto de três artigos que centram as relações intergeracionais, um tema emergente na literatura, prática e política social e econômica. A coesão e identidade social são o propósito associado à importância desta temática. O artigo “*Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional*”, de Henrique Testa Vicente e Liliana Sousa, foca as redes sociais de pessoas idosas, destacando a presença e função das várias gerações familiares. O artigo “*Relações intergeracionais: as barreiras da institucionalização*” de Sacha Lima Vieira, evidencia como as instituições, mesmo as que servem pessoas idosas e crianças, vivem obstáculos ao desenvolvimento de encontros e atividades intergeracionais. E, o artigo “*Dinamizar os parques da cidade através de atividades intergeracionais: o Parque Infante Dom Pedro, cidade de Aveiro, Portugal*”, de Sacha Vieira e Sara Guerra, apresenta um projeto comunitário intergeracional, que juntou gerações para responder a um desafio da comunidade.

Os quatro artigos seguintes apresentam temas novos, que necessitam de aprofundamento, mas iniciam a ideia de redes sociais em contextos pouco explorados. O artigo “*Redes familiares e herança material: a passagem de testemunho*”, de Marta Patrão e Liliana Sousa, introduz a herança material como um fator de passagem de testemunho no âmbito das redes familiares; a herança material é um tema pouco em gerontologia. O artigo “*Agregado familiar de casais idosos: estrutura, dinâmicas e valores*”, de Filipa Marques e Liliana Sousa, explora a rede familiar de casais compostos por pessoas idosas; a relação conjugal tem sido estudada preferencialmente em pessoas mais novas, mas entre os mais velhos tem focado a prestação de cuidados, quando um dos elementos do casal apresenta dependência. O artigo “*Doenças hereditárias, aconselhamento genético e redes familiares: da ética intergeracional ao papel dos mais velhos*”, de Álvaro Mendes, explora o papel dos mais velhos perante o aconselhamento genético, um acontecimento familiar e intergeracional. O artigo “*Versão Portuguesa da Escala Breve de Redes Sociais de Lubben (LSNS-6)*”, de Oscar

Ribeiro, Laetitia Teixeira, Natália Duarte, Maria João Azevedo, Lia Araújo, Susana Barbosa e Constança Paúl, centra o processo de validação de um instrumento de avaliação das redes sociais para a população portuguesa, uma necessidade para a investigação e prática em gerontologia.

Ao organizar este número temático para a Revista Kairós Gerontologia procurei desafiar e inspirar a investigação a explorar novos temas no âmbito das redes sociais na velhice, de forma a centrarem aspetos desenvolvimentais, sem negligenciar os problemas sociais e de saúde associados à velhice.

Referências

- Attneave, C. (1976). Y'All come: social networks as a unit of intervention. In: Guérin, P. (Comp.). *Family Therapy: theory and practice*: 220-32. New York: Gardner Press.
- Barnes, J. (1954). Class and committees in a Norwegian Island parish. *Human Relations*, 7: 39-58.
- Barnes, J. (1972). *Social networks*. Boston: Addison Wesley.
- Brodeur, C. & Rousseau, R. (1984). *L'intervention de réseaux*. Montreal: France-Amérique.
- Dabas, E. (1998). *Red de redes*. Buenos Aires: Paidós.
- Dean, A. & Lin, H. (1977). The stress-buffering role of social support. *Journal of Nervous Mental Disturbs*, 165: 7-15.
- Desmarais, D.; Laviguer, H.; Roy, L. & Blanchet, L. (1995). Paciente identificado, red primaria e ideologia dominante. In: Elkaïm, M. (Ed.) *Las practicas de la terapia de red*: 40-74. Barcelona: Gedisa.
- Erickson, G. (1975). The concept of personal network in clinical practice. *Family Process*, 14: 487-98.
- Góngora, J. (1991). Intervenciones en grupos sociales. *Revista Psicoterapia*, 6-7: 139-58.
- Gore, S. (1978). The effects of social support in moderating the health consequences of unemployment. *Journal of Health and Social Behavior*, 19: 157-65.
- Gottlieb, B. (1981). Preventive interventions involving social networks and social support. In: Gottlieb, B. (Ed.). *Social networks and social support*: 201-32. London: Sage.
- Guédon, M-C. (1984). Les réseaux sociaux. In: Brodeur, C. & Rousseau, R. (Eds.). *L'intervention de réseaux*: 15-33. Montreal: Éditions France-Amérique.

Sluzki, C. (1996). *La red social: frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Gedisa.

Sluzki, C. (2000). Social network and the elderly. *Family Process*, 39(3): 271-84.

Sousa, L. (2009). Editorial: New Themes on Ageing Families. In: L. Sousa. (Ed.). *Families in Later Life: emerging themes and challenges*: 6-18. New York: Nova Science Publishers.

Tolsdorf. C. (1976). Social networks, support and coping. *Family Process*, 15: 407-17.

Liliana Sousa - Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro,
Portugal; UNIFAI (Unidade de Investigação e Formação de Adultos e Idosos)
E-mail: lilianax@ua.pt